

O GÊNERO DISCURSIVO MEMÓRIAS LITERÁRIAS: UMA LEITURA CRÍTICA DE *MEMÓRIAS DE LIVROS* DE JOÃO UBALDO RIBEIRO SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Helenice Farias de Brito Silva¹
Cristhiane Ferreguett²

Resumo: O presente artigo apresenta uma investigação sobre a escrita do gênero discursivo memórias literárias, sua função social e as características linguístico-discursivas sob a perspectiva de análise dialógica bakhtiniana. Além disso, esse estudo sinaliza as marcas que definem a materialidade do gênero, utilizando, para isso, o texto *Memória de Livros*, de João Ubaldo Ribeiro. O aporte teórico utilizado é a teoria bakhtiniana, com ênfase em língua, linguagem e gêneros discursivos. Após isto, nos detemos à orientação metodológica apresentada por Bakhtin (2000; 2016), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), e sua aplicação ao gênero escolhido. Subsidiaram nosso trabalho, além dos estudos desenvolvidos por Bakhtin (2000; 2016) e Volóchinov (2017), também as obras de Clara, Altenfeder e Almeida (2010), Lima (2009), entre outros. A partir da pesquisa realizada, chegamos à conclusão que os gêneros discursivos são padrões textuais socialmente construídos que se manifestam em textos falados e escritos, produzidos por entidades ativas e participantes do mundo das interações sociais. Quando usados em situações de interação social, apresentam estabilidade mínima em termos de conteúdo, estrutura e uso da linguagem.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Gêneros do Discurso. Memórias Literárias.

Introdução

O presente artigo apresenta reflexões sobre a escrita do gênero discursivo memórias literárias discutidas sob a perspectiva dos estudos dos pensadores russos do Círculo de Bakhtin³, que norteiam a construção do conceito de gênero do discurso. Aponta também, uma investigação de como a escrita deste gênero pode revelar

1 Mestranda em Letras/PPGL pela Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual da Bahia. E-mail: helenicefariasdebritosilva@gmail.com

2 Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutora em linguística pela PUC-RS, Mestre em Estudos de Linguagens, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: cferreguett@uneb.br

3 Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin para designar o grupo de pensadores russos, cujo conjunto da obra possui alguns pilares sobre os quais toda a concepção de linguagem se constrói: o signo ideológico, o dialogismo, a interação verbal e o enunciado concreto. Além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), as formulações e trabalhos são fruto da reflexão de um grupo do qual participaram vários outros intelectuais como Valentin Nikoláievitch Volóchinov (1895-1936), Pavel Medvedev (1892-1938), entre outros.

a função social e as características discursivas, sob a perspectiva de análise do método sociológico bakhtiniano.

Inicialmente, introduzimos alguns conceitos de linguagem, língua, discurso/enunciação e gênero do discurso na pesquisa de Bakhtin (2000; 2016), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012). Os autores do Círculo de Bakhtin compreendem que a linguagem é um ato social que ocorre e se transforma nas relações sociais e, ao mesmo tempo, é um meio de interação interpessoal e o resultado dessa interação, pois seus significados não podem ser separados do contexto de produção.

Posteriormente, traremos as bases teóricas para discussão sobre o gênero memórias literárias em Clara, Altenfeder e Almeida (2008) e Lima (2009). Texto do gênero memórias literárias não possui caráter autobiográfico, mas sim uma atividade literária de escrita de situações do passado, que mistura ficção e realidade para uma recriação simbólica desse passado.

Em seguida, revisando novamente as obras de Bakhtin (2000; 2016) e Volóchinov (2017), apresentamos o “método sociológico” dos autores, que sugerem estudar a linguagem enquanto signo ideológico e também, a partir de seu conteúdo temático, estrutura de composição e estilo. E, na última parte desta pesquisa, faremos uma análise, através de um recorte da escrita do gênero discursivo “memórias literárias”, por meio destes encaminhamentos sugeridos ao longo da investigação, utilizando, como *corpus*, o texto *Memória de Livros*, de João Ubaldo Ribeiro.

1 Concepções de língua/linguagem e gênero discursivo para o Círculo de Bakhtin

Os estudiosos do Círculo de Bakhtin ressaltam que o estudo da linguagem deve partir do estudo do contexto social, em que ocorrem suas múltiplas formas. Compreendido dessa forma, percebemos que o conceito de linguagem de Volóchinov (2017) é discursivo e, portanto, não pode ser separado de seus falantes e ações, ou de esferas sociais e valores ideológicos. Para o autor, a linguagem na aplicação prática é indissociável do conteúdo ideológico e não pode ser percebida como um sistema abstrato reduzido à forma e à estrutura. A linguagem é o produto de um trabalho coletivo e histórico e reflete as relações sociais de seus usuários. Se reconhecermos a natureza social da linguagem, precisamos entender que a linguagem também é dialógica e interativa, porque o que dizemos ou escrevemos é dirigido a interlocutores específicos, que também entram em uma relação dialógica com o mundo, e nosso conhecimento é construído nesse processo de interação.

Portanto, para Volóchinov (2017), a linguagem é dinâmica e se efetiva na comunicação efetiva entre os usuários. A fala, deste modo, se caracteriza como um elemento do discurso e como um meio de produção de enunciados. O discurso/enunciado é a forma como as pessoas interagem. Sendo assim, é tudo o que ouvimos e reproduzimos na comunicação verbal eficaz com as pessoas ao nosso redor.

Quando falamos, estamos usando a linguagem social de falantes pertencentes a um determinado grupo social. Bakhtin apontou que “a utilização da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 280).

De acordo com Bakhtin (2016), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), a produção de enunciados está intrinsecamente ligada às estruturas sociais. Deste modo, para os autores, a enunciação é descrita como um comportamento social significativo, sempre se enuncia para alguém de um determinado lugar ou de uma determinada posição social e histórica. Portanto, entendemos que a enunciação é a nossa compreensão do discurso, levando em consideração seu pano de fundo de produção: onde, quem, quando, para quem e por que foi produzido, e todo conhecimento ideológico sócio histórico envolve interlocutores. Nesse caso, vai muito além da decodificação, pois pressupõe sua relação com os participantes ativos.

Segundo Volóchinov (2017), a enunciação é um fenômeno social entre interlocutores, a linguagem realmente só existe em lugares onde há comunicação, interação social e diálogo, e esse espaço de interação social é um espaço de expressão privilegiado. Segundo Bakhtin (2000), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), a interação linguística constitui, portanto, a realidade básica da linguagem, que se materializa ou se forma no tipo de gêneros discursivos, sobre o qual nos debruçaremos a seguir.

Segundo Bakhtin (2000), para o campo da linguagem real, o reconhecimento do gênero é essencial, pois todas as situações de comunicação só podem ser efetivadas por meio de discursos concretos corporificados em gêneros discursivos, ou seja, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 12). Ainda sobre o campo de utilização da língua, Medvedev (2012) diz que “o gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo enunciado. Uma obra se torna real quando toma a forma de determinado gênero” (MEDVEDEV, 2012, p. 193).

A teoria bakhtiniana é de grande importância na redefinição dos objetos de ensino da língua, pois utiliza enunciados textuais como ponto de partida que pode ser utilizada para orientar a prática pedagógica dos educadores. Para Bakhtin (2000), o discurso é expresso na linguagem por meio de enunciados quando é produzido, e os enunciados são organizados em gêneros discursivos, o que amplia o campo discursivo do indivíduo. Segundo Bakhtin (2016):

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2016, p.11-12)

A utilização do gênero discursivo é apreender que a linguagem é sempre um processo de interação entre diferentes interlocutores, que se adaptam às condições dos diferentes contextos relacionados aos sujeitos enredados. Por isso, Bakhtin afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos). (BAKHTIN, 2016, p.11)

Na perspectiva de Bakhtin, a palavra muda no fluxo das interações verbais que aparece com sinal de idealismo, e tem diferentes significados dependendo do contexto em que ocorre. Assim, o diálogo, composto por fenômenos de interação social, revela-se como estrutura da vida por meio da linguagem. Portanto, quando o conhecimento é sistematizado pensamentos e experiências humanas se espalha pelo discurso em constantes interações dialéticas. Cada época e grupo social tem seu próprio discurso, que atua como um espelho que reflete e refrata a vida cotidiana, e as palavras são imagens do espaço em que uma dada versão dos valores fundamentais da sociedade se realiza.

Bakhtin (2016) afirma que gênero consiste em um enunciado de natureza histórica, sócio interacional, ideológica e linguística relativamente estável. As dimensões comumente adotadas para a identificação e o exame dos gêneros são sociocomunicativas e fazem referência à função e à organização, ao conteúdo e meio em que circula, aos sujeitos sociais envolvidos e atividades discursivas envolvidas no ambiente sócio-histórico. Ou seja, o gênero se organiza por meio da construção de enunciados produzidos e divulgados em um determinado campo da atividade humana, por meio de um determinado projeto entregue pelo autor (locutor), dirigido a alguém (interlocutor real ou hipotético), organizado por meio de uma avaliação ideológica específica para contemplar a função social estabelecida. As práticas que não abarquem essas situações, mesmo que sejam autênticas e tenham finalidades diversas, não se conformam ao conceito de discurso desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin.

O enunciado está relacionado ao tempo e às condições sociais que o caracterizam, “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109). Sobre isto, Bakhtin (2016) afirma que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20). Barbosa e Di Fanti (2020) enfatizam a relação inseparável entre linguagem e sociedade, apontando que os gêneros são heterogêneos, dinâmicos e responsivos às necessidades dos sujeitos e de suas

diversas interações sociais, na medida em que determinados gêneros podem se tornar obsoletos, perder sua função principal e/ou se destacar sob certas condições, ou são criados e recriados de acordo com as mudanças dinâmicas da sociedade.

Assim, frente a essas pressuposições de Bakhtin (2016), pode-se asseverar que os gêneros são dinâmicos, fluindo um do outro; circulam na sociedade nos mais diversos contextos e lugares; desempenham funções sociocognitivas e lidam de modo mais estável com as relações humanas no campo da linguagem. Com relação ao curso dos gêneros no ambiente social, percebe-se que, por meio destes, é possível entender melhor o funcionamento da sociedade, uma vez os gêneros são indicantes de relações e de hierarquização de poder.

Feito a diferenciação entre os dois campos da criação ideológica, Bakhtin (2016) compreende os gêneros como primários ou do cotidiano e secundários ou de sistemas ideológicos constituídos:

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) ficcional, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2016, p.15)

Ainda segundo Bakhtin (2016), os gêneros do discurso e as atividades realizadas pelo homem são reciprocamente constitutivas, falamos por meio de gêneros, no interior do domínio da atividade humana. A esfera de atividade humana sempre está relacionada ao uso da linguagem, uma vez que há um vínculo orgânico entre a língua em uso e a atividade humana. Em relação ao gênero discurso e as esferas da atividade humana, pode-se dizer que os gêneros, de modo geral, refletem e refratam seu modo de organizar e definir realidade. As esferas, por conseguinte, proporcionam a expressão dos sentidos materializados pelos gêneros, não como uma verdade absoluta de um certo aspecto prático do mundo, pois “com efeito horizonte ideológico qualquer época de qualquer grupo social não existe uma única verdade, mas várias verdades mutualmente contraditórias, não apenas um caminho dialógico, mas vários divergentes” (MEDIÉDEV, 2012, p. 63).

Para finalizar, ao discutir sobre as questões do gênero, é preciso destacar que o mesmo possui tonalidades dialógicas que faz parte da “comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta” (MEDIÉDEV, 2012, p. 72). Ainda sobre a questão dialógica, Volóchinov (2017) postula que “compreender um enunciado alheio significa orientar se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente” (VOLÓCHINOV, 2017, p 232). Sobre essa relação dialógica, Bakhtin (2016) afirma

que “todo falante responde aos enunciados antecedentes (baseia se neles, polemiza com eles, os pressupõe...) e antecipa respostas e interroga enunciados futuros” (BAKHTIN, 2016, p. 26).

A partir daqui serão discutidas algumas bases teóricas sobre o gênero discursivo memórias literárias cuja definição e características são pouco estudadas e discutidas em materiais que pesquisam os gêneros discursivos. Sobre este gênero Marcuschi diz que:

[...] os vários gêneros textuais, em graus variados de abrangência, possibilitam uma visada sobre contextos sócio-históricos passados, sem contudo se configurarem necessariamente como literários. Por sua vez, há igualmente textos literários que não se ocupam de questões vinculadas às lembranças das pessoas. O gênero memórias literárias se localiza justamente na convergência dessas características (MARCUSCHI, 2012, p. 52).

De acordo Boeno (2013), a designação “memórias literárias” não é encontrada na tradição literária. Os gêneros da esfera literária “se distinguem (embora essa decisão nem sempre seja simples de ser identificada) dos gêneros de outras formações discursivas por certo é transgressão do real, por um olhar próprio e reflexivo dos acontecimentos históricos e sociais” (MARCUSCHI, 2012, p. 52).

O termo foi criado pelas autoras Clara e Altenfeder (2008) no caderno *Se bem me lembro...*, situam-no na esfera escolar, uma vez que o gênero “memórias” na Literatura Clássica não aparece com o adjetivo literárias. No entanto, apesar da vinculação deste gênero à “escolarização”, Erdei, Boeno e Padilha (2013) argumentam que o gênero memórias literárias encaixa-se no conceito de recriador de passado, abre-se ao novo, como memória ativa e ressignificada de um objeto cultural, em direção a um objeto didatizado, no âmbito da esfera escolar” (ERLEI; BOENO; PADILHA, 2013, p. 509), além disso “os gêneros literários escolarizados refletem e refratam os discursos da vida, e por isso, são partes inalienáveis da cultura” (ERLEI; BOENO; PADILHA, 2013, p. 524).

De acordo Bakhtin (2016), os gêneros sofrem mudanças em decorrência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social gera um gênero, com suas particularidades que lhe são características. No entanto, o mesmo Bakhtin (2016) alega que o surgimento de um gênero novo não substituirá o já existente. Bakhtin (2016) associa o aparecimento de novos gêneros discursivos ao surgimento de novas esferas de atividade humana, com intuítos discursivos específicos.

Desse modo, é importante um estudo sobre o caráter discursivo e material desse gênero. Escrever um texto em forma de memórias literárias tem como objetivo, por via de regra, evocar o passado, encontrar recordações, tentando lembrar pessoas e fatos do passado que foram relevantes na vida do narrador. De um modo geral, o narrador é ele mesmo, ou seja, é o narrador personagem que viveu a história narrada, sendo considerado, assim em outras palavras, o escritor-autor-narrador. Em outros casos, o autor do texto irá entrevistar alguém que conte suas histórias, suas

memórias. Neste ponto, é preciso escrever como se fosse o próprio entrevistado. O narrador organiza as experiências narradas, explicá-las e dá-lhes criatividade.

Assim entendida como um processo de produção de sentidos por meio do diálogo, a escrita pode passar a ser determinada como um resgate de saberes, da história e memória. Para Delgado (2006, p. 10), “tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história”. As memórias são, portanto, uma reconceitualização do passado, a partir do momento presente. Uma versão edificada a partir do presente e de suas necessidades. As memórias não são uma narrativa baseada em factos, mas, sobretudo, uma forma, talvez a melhor forma de viajar pelo passado.

O caderno “*Se bem me lembro...*” do Programa da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro⁴ apresenta um conceito para o gênero memórias com o adjetivo literárias para o âmbito escolar:

Memórias Literárias normalmente são textos produzidos por escritores que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2010, p. 19)

Lima (2009) chama a atenção para esse caráter um tanto subjetivo das memórias literárias ao pesquisar o significado etimológico da palavra “recordar” e associando-o ao gênero das memórias literárias:

[...] etimologicamente, ‘recordar’ vem de ‘re’ + ‘cordis’ (coração), significando literalmente, ‘trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, tenha ficado esquecido em algum lugar da memória’. Podemos dizer assim que, em linhas gerais, é exatamente essa a função de um texto do gênero memórias literárias. (LIMA, 2009, p. 22)

Nesta prática de escrita, pode-se dizer que é modo de resgatar das histórias das pessoas, na maioria das vezes mais velhas, transmitido às gerações mais jovens, através destas narrativas. Este gênero se diferencia de autobiografias, uma vez que possui uma plurissignificação da subjetividade, além de uma linguagem predominantemente conotativa que permite incluir o gênero em questão na esfera

4 A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* é uma competição escolar que surgiu em 2008. Envolve alunos desde o quinto ano do ensino fundamental ao ensino médio. Esta ocorre a cada dois anos. A disputa movimentou escolas de todos os lugares do Brasil. Em 2021, aconteceu sua sétima edição. A finalidade principal é contribuir para a formação de professores cujo objetivo é melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas no Brasil. O concurso originou-se a partir do programa Escrevendo o Futuro, realizado pela Fundação Itaú Social. Hoje em dia, é desenvolvido em parceria do Ministério da Educação com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). A partir do tema o lugar onde vivo, docentes e alunos são convocados a trabalhar textos de quatro gêneros literários: poesia, memórias literárias, crônicas, documentário e artigo de opinião.

literária. Sobre estas, Lima (2009) afirma que um texto do gênero discursivo memórias literárias:

[...] objetiva resgatar um passado, com base nas lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse tempo. Representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de geração anterior são evocadas e repassadas para outra, dando assim continuidade ao fio da história, que é de ambas, porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. (LIMA, 2009, p. 22)

É um gênero que revela as opções feitas pelo autor, que conta os fragmentos de sua vida, escolhendo as experiências que melhor refletem sua imagem, ou seja, aquela que o próprio autor desenvolve. Aqui mais uma vez retomamos às teorias de Marcuschi (2005), uma vez que, para o autor “os gêneros não são instrumentos impermeáveis e enriquecedores da atividade criativa. Eles são caracterizados como eventos textuais altamente plásticos, dinâmicos. Eles aparecem junto com as necessidades e atividades socioculturais” (MARCUSCHI, 2005, p. 20). As memórias literárias, descritas deste modo, podem ser consideradas, em sua diversidade, uma forma de atividade social.

2 Memória de Livros: uma análise do gênero memórias literárias

Em Marxismo e Filosofia da Linguagem, Volóchinov (2017) sugere dois encaminhamentos metodológicos para a análise dos enunciados. Para o estudo da língua, a análise dos gêneros discursivos deve se guiar pelas seguintes exigências metodológicas, que, para Volóchinov (2017), são fundamentais:

- 1) Não se pode separar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas de comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas de sua base material. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110).

Em outras palavras, os signos são os princípios da ideologia e não podem ser considerados como sinais objetivamente relacionados de diferentes ideologias. De outra forma, podemos compreender que cada forma de linguagem (verbal e não verbal) deve ser observada na especificidade indissociável de seu fundo histórico, o que nos permite conectá-la ao campo da comunicação discursiva que produz princípios. Portanto, cada manifestação do sujeito é considerada um material

ideológico intimamente relacionado ao campo de atividade e à situação comunicativa em que o signo aparece.

A segunda ordem metodológica de Volóchinov propõe observar o enunciado em seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo:

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte:

- 1) formas e os tipos da interação verbal na relação com suas condições concretas;
- 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual elas são uma parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3) partindo disso, a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017, p.220)

Sobre o conteúdo temático, Bakhtin (2016) diz que este “instaura-se de modo singular na relação indissociável com a composição e o estilo no todo do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 12). O tema é o significado de toda a palavra, enquanto o significado corresponde a “um artefato técnico de realização do tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). Para Medviédev (2012), o tema é uma unidade focada em “o todo do enunciado”, um “ato sócio histórico” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 196-197). O conteúdo temático está intimamente relacionado com o contexto de produção. Esse conteúdo pressupõe ações realizadas com linguagem, levando em consideração a finalidade para a qual o remetente criou o texto e para qual(is) interlocutor(es) ele se destina; quando foi produzido tomando o contexto sócio-histórico-ideológico que interfere direta ou indiretamente no tema; qual recurso/veículo foi utilizado para divulgá-lo/socializá-lo; e em que suporte o texto será entregue.

Volóchinov destaca que “o tema do enunciado é definido não apenas só pelas formas linguísticas que o constituem — palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação — mas também pelos aspectos extraverbiais da situação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). Deste modo, é possível apreender que o tema extrapola o que está dito no texto, ampliando-se para o contexto de produção, ou seja, a situação histórica concreta que originou o enunciado. Assim “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda sua plenitude concreta” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228).

A estrutura composicional do gênero refere-se à estrutura formal, levando em conta suas próprias características e as tipologias textuais dominantes, ou seja, observamos as formas de composição e o acabamento do enunciado, bem como o arranjo esquemático em que o conteúdo se baseia. Na estrutura composicional, observamos as formas combinadas e completas do discurso, bem como a disposição dos diagramas a partir dos conteúdos temáticos. Deste modo, a forma

constitutiva não só permite o reconhecimento do gênero, mas, segundo os estudiosos do Círculo, também permite a assimilação das condições e finalidades de cada esfera da atividade humana. De acordo Barbosa e Di Fanti (2020), às vezes, a pista primária de reconhecimento de um gênero dá-se pela identificação de sua constituição composicional (partes e todo), contudo só o conjunto orgânico dos elementos ratificará que gênero é.

Ao tomar “a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220), Volóchinov nos mostra o terceiro passo na investigação de um gênero: a análise da língua, voltada para o estilo do enunciado. Assim, a análise de estilo de gênero nos leva a explorar questões e opções de escolha individual, como: vocabulário, estruturas de frases, preferências gramaticais, modalizadores, parágrafos, pontuação e muito mais. O estilo está indissociavelmente ligado aos gêneros discursivos. Para Bakhtin (2016), cada enunciado é individual e pode, portanto, refletir a individualidade do falante ou do escritor. Ainda que o estilo reflita a individualidade de seu autor, vale destacar que ele é um ser social, participante de grupos sociais. O estilo está, deste modo, também relacionado ao contexto de produção do gênero e, desse modo, com seu conteúdo temático e estrutura composicional.

Bakhtin (2016) afirma que “quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado, o seu todo tanto de um gênero quanto de projeto individual de discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 51), deste modo, “[...] o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetual do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 56), assim como “enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 59).

Esses elementos serão o aporte teórico para a análise do texto do gênero discursivo memórias literárias, ou seja, será observado o enunciado enquanto signo ideológico em sua implementação social, orientado a não isolar os elementos que devem ser interligados e também a segunda proposição, de acordo com Volóchinov (2017), que é “fundamentada para o estudo da língua” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220), uma vez que têm elementos afins e não podem ser dissociados. No estudo da língua, serão observados as três proposições de Volóchinov (2017) para análise do gênero, como o conteúdo temático, no caso uma história de recordações lembradas pela autor, além do mais, a análise das diferentes formas de fala, atos de fala isolados, intimamente ligados à interação que constitui os elementos, ou seja, relativo à construção da composição do gênero. Por fim, outro passo proposto é a análise da língua, melhor dizendo, este refere-se à análise linguística e a análise do estilo do gênero, já que alguns deles apresentam um estilo bastante individual, devido às próprias características que possuem.

Deste modo, a fim de adquirir mais conhecimentos sobre as características deste gênero discursivo, e revendo as ponderações teóricas oferecidas neste presente

trabalho, que se pautam principalmente em Bakhtin (2000, 2016), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), apresentamos o estudo de um texto do gênero memórias literárias, no qual analisaremos o mesmo de acordo com o percurso metodológico acima.

O texto selecionado é *Memória de livros* presente no livro *Um Brasileiro em Berlim* de João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), publicado no ano de 1994 pela primeira vez, quando o escritor estava com 54 anos. No entanto, em relação ao modelo concreto discursivo, o texto a seguir foi apresentado e retirado, para o presente artigo, do Caderno *Se bem me lembro...*, o qual foi organizado como material de apoio para professores e alunos do Ensino Fundamental, interessados em participar da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro/2021. Este caderno apresenta oficinas acompanhadas de textos retirados dos aportes literários diversos, que as autoras Altenfelder et al (2021) classificam como gênero memórias literárias, destinados à leitura e à investigação de características do gênero, para futura produção escrita de textos deste gênero discursivo:

Assim, sob o texto a ser analisado, Altenfelder et al (2021) afirma:

João Ubaldo Ribeiro, em “Memória de livros”, faz o registro literário de suas recordações de menino: o casarão onde morava em Aracaju (SE), os avós, os pais, a primeira professora, os livros e as revistas que lia, os cheiros dos impressos antigos, os gestos de leitura mesmo antes de ser alfabetizado. Trata-se, portanto, de um texto de memórias literárias. Ao se colocar como narrador-personagem – recurso muito utilizado em textos desse gênero – o autor recria o passado e procura transportar o leitor para o tempo e o espaço onde ocorreram os acontecimentos narrados (ALTENFELDER, p. 4, 2021).

João Ubaldo Ribeiro nasceu na Ilha de Itaparica na Bahia, mas passou a infância em Aracaju, morou em outros países e viveu por muitos anos no Rio de Janeiro. Escritor de romances, crônicas e contos, ele foi, além disso, jornalista e professor. O autor foi ganhador de vários prêmios internacionais por suas obras. O texto a seguir apresenta reminiscências da sua infância e rememora as lembranças do narrador-personagem, é um texto que recupera suas lembranças dos primeiros contatos com os livros, as leituras que fazia quando criança e o papel fundamental da figura paterna na sua formação como leitor. Eis o texto:

Memória de livros - Aracaju, a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe, o menor estado brasileiro (mais ou menos do tamanho da Suíça). Essa distinção, contudo, não lhe tirava o caráter de cidade pequena, provinciana e calma, à boca de um rio e a pouca distância de praias muito bonitas. Sabíamos do mundo pelo rádio, pelos cinejornais que acompanhavam todos os filmes e pelas revistas nacionais. A televisão era tida por muitos como mentira de viajantes, só alguns loucos andavam de avião, comprávamos galinhas vivas e verduras trazidas à nossa porta nas costas de mulas, tínhamos grandes quintais e jardins, meninos não discutiam com adultos, mulheres

não usavam calças compridas nem dirigiam automóveis e vivíamos tão longe de tudo que se dizia que, quando o mundo acabasse, só íamos saber uns cinco dias depois. Mas vivíamos bem.

Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos *long play*, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente. Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e ficou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru.

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivía com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

-D. Gilete — disse ele, apresentando-me a uma senhora de cabelos presos na nuca, óculos redondos e ar severo —, este rapaz já está um homem e ainda não sabe ler. Aplique as regras.

“Aplicar as regras”, soube eu muito depois, com um susto retardado, significava, entre outras coisas, usar a palmatória para vencer qualquer manifestação de falta de empenho ou burrice por parte do aluno. Felizmente D. Gilete nunca precisou me aplicar as regras, mesmo porque eu de fato já conhecia a maior parte das letras e juntá-las me pareceu fácilimo, de maneira que, quando voltei para casa nesse mesmo dia, já estava começando a poder ler. Fui a uma das estantes do corredor para selecionar um daqueles livrões com retratos de homens carrancudos e cenas de batalhas, mas meu pai apareceu subitamente à porta do gabinete, carregando uma pilha de mais de vinte livros infantis.

[...] Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos- a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na Ilíada. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloquente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula está a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos-escritos ou orais-das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto-e-vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto-e-vírgula) e os trechos a decorar. [...]

[...] Fico pensando nisso e me pergunto: não estou imaginando coisas, tudo isso poderia ter realmente acontecido? Terei tido uma infância normal? Acho que sim, também joguei bola, tomei banho nu no rio, subi em árvores e acreditei em Papai Noel. Os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas. Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju (RIBEIRO, 2011, p. 44-49).

De acordo à primeira proposição metodológica de Bakhtin (2000) e Volóchinov (2017), podemos afirmar que o texto acima tem como conteúdo temático uma história de recordações lembradas pelo autor. O autor elege, de suas lembranças, eventos que foram marcantes. Ao longo do texto, João Ubaldo Ribeiro relata o acontecido e revela (ou sugere) para o leitor os motivos que tornam significativos os fatos contados. O escritor narra uma época da infância em que morava em Aracaju, a qual descrevia como “provinciana e calma, à boca de um rio e a pouca distância

de praias muito bonitas” (RIBEIRO, 2011, p. 44). Trata-se de um tema voltado à narrativa de fatos vividos pelo autor no passado e contados no tempo presente (nesse caso, o tempo presente se refere a 1994, data da primeira edição do livro).

O discurso produzido sugere ao leitor uma retrospectiva a momentos já vivenciados, mostrando sua infância no ambiente familiar da capital sergipana. Trata-se de uma história repleta de recordações e lembranças de sua família e mostra o apreço que o mesmo, ainda criança, tinha pelos livros. As lembranças, que não representam necessariamente a realidade vivida pelo autor, mas sim a interpretação que fez daquele momento vivido, revelam as características e a função estética do gênero memórias literárias.

O segundo encaminhamento proposto por Volóchinov, “formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual elas são uma parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220), diz respeito à construção composicional do gênero. No texto acima, percebemos sua pertinência à esfera social literária, cuja tipologia que predomina é a narrativa. Trata-se de uma narração, escrita a partir de um acontecimento real, na qual histórias vividas pelo autor são relatadas em forma de memórias que, assim como em outras narrativas, apresenta uma estrutura composta pelos elementos: narrador, personagens, espaço, tempo, enredo.

Segundo Clara, Altenfelder e Almeida (2010), “em geral, o início de um livro, ou mesmo de um capítulo de memórias literárias, é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador” (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2010, p. 56). Essa característica das memórias literárias está manifesta no texto em análise, pois João Ubaldo Ribeiro ao iniciar com “Aracaju, a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe o menor estado brasileiro (mais ou menos do tamanho da Suíça)” (RIBEIRO, 2011, p. 44) situa o leitor e nos apresenta o cenário que será parcialmente descrito na história. Essa referência ao local onde se vivia é uma das características do gênero memórias literárias.

No mesmo parágrafo, o autor continua a descrição da cidade à época em que podemos perceber o deslocamento para o passado em “essa distinção, contudo, não lhe tirava o caráter de cidade pequena, provinciana e calma...” (RIBEIRO, 2011, p. 44), mostrando para uma época diferente da atual, pois quando o livro foi escrito, em 1994, a cidade de Aracaju já era uma cidade grande.

Outra característica que destaca no gênero em questão é a escolha de fatos relevantes e o relato dos motivos que os levam a serem marcantes. Reportando-se, por exemplo, à paixão do autor pelos livros, assim como toda a família. João Ubaldo Ribeiro revela isso como um acontecimento que se destacou em sua infância em vários momentos, como em “Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita...” (RIBEIRO, 2011, p. 44), assim como

em “os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas” (RIBEIRO, 2011, p. 49) e em “meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós” (RIBEIRO, 2011, p. 44).

Outro ponto a ser observado na estrutura composicional do gênero memórias literárias diz respeito à conclusão do texto que tal como acontece com o resto da trama, isso deve envolver o leitor. Para Clara, Altenfelder e Almeida (2010), a conclusão do texto de uma memória literária pode se basear nas cenas ou fatos vividos pelo narrador no passado, ou ainda pelo deslocamento do papel do autor-narrador para o presente. No caso de *Memórias de livros*, ocorre a manifestação de fatos vividos no passado. No último parágrafo do texto, João Ubaldo Ribeiro revela este deslocamento para o presente: “Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico...” (RIBEIRO, 2011, p. 49). No texto de ficção, o tempo pode apresentar um sequência linear, cronológica dos fatos narrados ou não. De acordo com Abreu (2020), na “narrativa de memórias, predomina o relato, conforme as impressões do narrador, repleto de digressões e de *flashbacks*. Por isso, pode-se dizer que a narrativa é prolongada pela vivência mental, experimentada pelos personagens” (ABREU, 2020, p. 23).

Além disso, é necessário ressaltar que um texto de memórias literárias pode ser finalizado com algumas indagações do narrador-personagem a respeito do seu passado, assim como acontece em *Memórias de livros* em que o escritor lança alguns questionamentos: “Fico pensando nisso e me pergunto: não estou imaginando coisas, tudo isso poderia ter realmente acontecido? Terei tido uma infância normal? Acho que sim, também joguei bola, tomei banho nu no rio, subi em árvores e acreditei em Papai Noel” (RIBEIRO, 2011, p. 49).

Mais um traço característico das memórias é utilização de palavras e expressões que conduzem o leitor para uma determinada época do passado conforme dito por Lima (2010). Em “Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo...” (RIBEIRO, 2011, p. 44) e “só alguns loucos andavam de avião” (RIBEIRO, 2011, p. 44), ficam claras essas características. Destaca-se a apresentação do texto com narrador em primeira pessoa, característica distintiva do gênero em questão. Este é um narrador que conta sua própria vida, imprimindo sua história com um único ponto de vista: o seu próprio.

O terceiro passo proposto pelo Círculo de Bakhtin para o estudo da língua é “a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220), refere-se à análise do estilo do gênero. Para Bakhtin (2016), alguns gêneros apresentam um estilo bastante individual, devido às próprias características que possuem, ou seja, os gêneros discursivos se caracterizam “pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais

da língua” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Em relação ao texto acima, pode-se notar que a descrição permeia as sequências narrativas principalmente para descrever o cenário onde aconteceram os fatos narrados.

Ao descrever, por exemplo, as casas em que viveu, João Ubaldo Ribeiro utiliza diversos adjetivos, a fim de impressionar o leitor e conduzi-lo a uma imaginação mais detalhada da cena. Nos trechos “Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos” (RIBEIRO, 2011, p. 44), e em “tínhamos grandes quintais e jardins” (RIBEIRO, 2011, p. 44), percebemos a presença de descrições que contribuem para o sentido que o autor quer atribuir aos ambientes em que viveu.

João Ubaldo utiliza-se deste recurso em outras situações também, como para descrever sua primeira professora em “uma senhora de cabelos presos na nuca, óculos redondos e ar severo” (RIBEIRO, 2011, p. 45), para livros em “Fui a uma das estantes do corredor para selecionar um daqueles livrões com retratos de homens carrancudos e cenas de batalhas” (RIBEIRO, 2011, p. 45). Fazer uso de descrições é muito importante no texto de memórias literárias para que o leitor possa construir imagens dos lugares, das pessoas, da época e de como os acontecimentos foram vivenciados.

Outro ponto característico do estilo das memórias literárias são as comparações entre o passado e o presente. De acordo com Abreu (2020), “o eu narrativo na construção discursiva das lembranças precisa marcar o contraste entre a situação vivida — as memórias — e o tempo da enunciação” (ABREU, 2020, p. 25). Este jogo entre o passado e o presente deve, de acordo com a autora, ser sentido pelo leitor. Nos fragmentos “A televisão era tida por muitos como mentira de viajantes” (RIBEIRO, 2011, p. 44), e “Sabíamos do mundo pelo rádio” (RIBEIRO, 2011, p. 44), há comparações entre a vida de hoje e a vida no passado, e no trecho “meninos não discutiam com adultos, mulheres não usavam calças compridas nem dirigiam automóveis” (RIBEIRO, 2011, p. 44), João Ubaldo Ribeiro faz uma comparação mais nítida entre a atualidade e o tempo em que era menino.

O texto literário faz a utilização, por tradição, de recursos voltados ao fazer estético. Clara, Altenfelder e Almeida (2010) apontam esse traço do gênero afirmando que:

Em textos de memórias literárias, ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características. A articulação desses recursos proporciona ao leitor uma experiência estética particular. (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2010, p. 81)

Fragmentos como “meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra” (RIBEIRO, 2011, p. 49) comprovam esse caráter literário das memórias. A utilização de figuras de linguagem é um exemplo dessa caracterização que faz parte do estilo das memórias

literárias, como em “navegação infinita pela palavra” (RIBEIRO, 2011, p. 49) que encontramos no mesmo trecho. No texto, podemos notar várias hipérboles, como em “meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa” e “de maneira que eu convivía com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo...” (RIBEIRO, 2011, p. 45). Também há comparação, como em “Nada, porém, era como os livros” (RIBEIRO, 2011, p. 44), do mesmo modo que em “ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber” (RIBEIRO, 2011, p. 45).

A utilização de expressões e termos peculiares do vocabulário do período em que os fatos ocorreram, também, é um elemento do estilo desse gênero discursivo. Para Abreu (2020), são muito importantes as “expressões que marcam o tempo decorrido porque situa o leitor nos fatos narrados do passado, nas lembranças, marcando o contraste com as expressões que determinam o ato enunciativo” (ABREU, 2000, p. 25). O texto de João Ubaldo Ribeiro, ao apresentar trechos como “tudo quanto era tipo de geringonça” (RIBEIRO, 2011, p. 44) e “Quando surgiram os primeiros discos long play, já tínhamos a vitrola apropriada” (RIBEIRO, 2011, p. 44), mostra um vocabulário próprio da época para a qual remontam as memórias relatadas como “discos *long play*”, “vitrola” e “geringonça”. Em “este rapaz já está um homem e ainda não sabe ler. Aplique as regras (RIBEIRO, 2011, p. 45), o próprio escritor sente a necessidade de explicar ao leitor a expressão “aplique as regras”, fazendo uso de outra palavra do vocabulário (palmatória) que remete ao passado no fragmento “‘Aplicar as regras’, soube eu muito depois, com um susto retardado, significava, entre outras coisas, usar a palmatória para vencer qualquer manifestação de falta de empenho ou burrice por parte do aluno” (RIBEIRO, 2011, p. 45).

Um recurso que faz parte do estilo das memórias é a presença do narrador-personagem, já citado anteriormente. O autor narra os acontecimentos que se passaram com ele mesmo, usando pronomes e verbos na primeira pessoa do plural, ou na primeira na primeira do singular. Marcas estritamente pessoais, com verbos na primeira pessoa do singular, são marcantes no gênero em questão.

Outro ponto característico deste gênero discursivo é a predominância de verbos no pretérito. Segundo Abreu (2020), no caso específico desse texto de João Ubaldo Ribeiro, predomina a utilização de verbos no pretérito imperfeito do modo indicativo, que tem função é marcar um tempo passado, lembrado.

“as narrativas, em geral, são construídas com verbos no pretérito. Essa característica é essencial no gênero Memórias literárias. O pretérito perfeito indica uma ação pontual, completamente terminada no passado, determina o cenário, o ambiente da narrativa; o pretérito imperfeito indica ação habitual no tempo passado, fato cotidiano que se repete

muitas vezes, marca a sequência de ações narradas, típicas do texto narrativo.” (ABREU, 2020, p. 25)

Por fim, ao realizarmos este estudo sobre gênero memórias literárias de acordo com o percurso metodológico apontado por Bakhtin (2000 e 2016) e Volóchinov (2017), podemos perceber que se trata de um gênero com características específicas, relativamente estáveis, associadas ao caráter social da esfera a que pertence o gênero.

Considerações finais

Ao fundamentarmos nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, apreendemos que a investigação aqui discutida é uma tentativa de associação das postulações dos pensadores russos às práticas de escrita, leitura e compreensão de textos que circundam socialmente, nas diversos domínios da atividade humana. Analisando o texto “*Memórias de Livros*” de João Ubaldo Ribeiro, a partir da orientação metodológica para o estudo da língua proposta por Bakhtin (2000, 2016), Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), é possível afirmar que a linguagem é um ato fundamentalmente social.

A investigação aqui realizada possibilita-nos compreender que a linguagem é, incontestavelmente, uma forma de interação social e se seguirmos a análise dialógica bakhtiniana no estudo da língua materializada nos gêneros do discurso, esse entendimento fica mais claro. Sendo assim, após o estudo do gênero do discurso “memórias literárias”, podemos afirmar que, como prática social está inserido na interação discursiva e é constituído de relações dialógicas geradoras de sentido, instaurando-se, deste modo, como evento discursivo na esfera social.

A escrita desse gênero, memórias literárias, considerando todas essas facetas, contribui para demonstrar o caráter social da língua e reforçar a acepção da linguagem como uma forma de interação social. Podemos destacar a importância desse gênero, pois as memórias literárias têm como objetivo sócio comunicativo mais importante resgatar, em uma narrativa escrita a partir de uma perspectiva contemporânea, experiências de tempos mais distantes (relacionados as pessoas, fatos, sentimentos, valores lugares, objetos, etc.) vivenciados pelo autor (ou que lhe tenham sido comunicados por outrem, mas lhe dizem respeito), em uma linguagem que se configura como ato discursivo próprio e recria a realidade, sem compromisso total com a verdade ou com a dimensão dos acontecimentos.

As discussões apresentadas neste artigo objetivam colaborar para o desenvolvimento de reflexões que mostram para a possibilidade de uma análise sobre a escrita dos gêneros, em especial as memórias literárias, mais densa para que a teoria fundamentada no estudo do gênero discursivo potencialize a possibilidade de transformar esse fundamento em prática.

THE DISCOURSE GENRE LITERARY MEMOIRS: A CRITICAL READING OF JOÃO UBALDO RIBEIRO'S BOOK MEMOIRS FROM A BAKHTINIAN PERSPECTIVE

Abstract: This article presents an investigation about the writing of the discursive genre literary memories, its social function and the linguistic-discursive characteristics from the perspective of Bakhtinian dialogic analysis. In addition, this study signals the marks that define the materiality of the genre, using, for this, the text *Memória de Livros*, by João Ubaldo Ribeiro. The theoretical support used is the Bakhtinian theory, with emphasis on language, language and discursive genres. After that, we focus on the methodological orientation presented by Bakhtin (2000; 2016), Voloshinov (2017) and Medvedev (2012), and its application to the chosen genre. In addition to the studies developed by Bakhtin (2000; 2016) and Voloshinov (2017), our work also supports the works of Clara, Altenfeder and Almeida (2010), Lima (2009), among others. Based on the research carried out, we came to the conclusion that discourse genres are socially constructed textual patterns that manifest themselves in spoken and written texts, produced by active entities and participants in the world of social interactions. When used in situations of social interaction, they present minimal stability in terms of content, structure and use of language.

Keywords: Bakhtin Circle; Discourse Genres; Literary Memoirs.

Referências

ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilardo. Escrevendo memórias literárias: dos fatos reais ao produto da imaginação. In: *Na ponta do lápis*, ano XVI, nº 34, jan/2020.

ALTENFELDER, Anna Helena et al. *Se bem me lembro... – Caderno do professor: orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec, 2021. (Coleção da Olimpíada). Disponível em https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/memoria/index.html. Acesso em: 14 jan. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Em santina Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Bezerra, Paulo. *Notas da edição russa*: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. *Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev*. In: ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B.; ARANTES, P.; PESSÔA, M. (org.). *Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 174-192.

BOENO, Neiva de Souza. *Memórias literárias: das práticas sociais ao contexto escolar*. 2013. 254 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2013.

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Ana Helena. *Se bem me lembro... caderno do professor: orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2008.

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Ana Helena; ALMEIDA, Neide. *Se bem me lembro... caderno do professor: orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

ERDEI, Leni de Sousa; BOENO, Neiva de Sousa; PADILHA, Simone de Jesus. Cadernos Pedagógicos Poetas da Escola e Se bem me lembro... no Programa Olimpíada de Língua Portuguesa: gêneros, memória, estética. In: *Eutomia*, v. 1, n. 11, 2013.

LIMA, Ana. Recordar para contar. In: *Na ponta do lápis*, ano V, nº 11, ago/2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Beth. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. In: *Cadernos Cenpec | Nova série*, [S.l.], v. 2, n. 1, ago. 2012. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/92/111>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 18 de março de 2022.

Aprovado em 20 de junho de 2022.